

JORNAL DAS SENHORAS.

JORNAL DA BOA COMPANHIA.

Modas, Litteratura, Bellas-Artes e Theatros.

O programma e condições deste jornal encontram-se na ultima pagina da capa.

MODAS.



A Semana Santa parece á primeira vista que impõe ás moças o total esquecimento da moda; mas pelo contrario, bem considerada, é a semana em que se deve mais attender á propriedade do *toilette*. Já vos disse uma occasião, que se deve ir ao templo trajada tambem segundo as normas que estabelecem as modistas; porque a moda, minhas leitoras (é necessario que vos compenetreis bem disto), é a arte que ensina a vestir attendendo á todas as circumstancias que podem cercar a pessoa que quer trajar-se. Comquanto o luxo seja o seu apanagio, porque o luxo não é mais do que a escolha do que ha de melhor em materia de *toilette*, comtudo são elementos essenciaes della, como vos tenho dito muitas vezes, a decencia, a propriedade, o esmero, em que o vestuario seja adequado ao motivo e á occasião.

Por certo que não vos direi que deveis ir visitar as igrejas na Quinta-Feira Santa ou assistir ás proceções na Sexta-Feira da Paixão, da mesma maneira que ides ao *Cassino*, ao *Campestre*, ao theatro, á rua do Ouvidor, etc.: isso seria

uma recommendação imprudente, um principio falso que estabeleceria, se eu quizesse dar-vol-o como uma regra da moda.

Mas porque ides ajoelhar-vos ao confessorio, ou adorar a Deus, não penseis que não deveis cuidar do vosso *toilette* com zelo. Pelo contrario: Deus merece, acima de tudo, os nossos maiores cuidados, os nossos mais reflectidos pensamentos: vos deveis ajoelhar ante a sua imagem, mais bellas, mais adornadas, do que deveis vos apresentar em qualquer outra parte. Deus nos livre que a moda não apresentasse adornos serios e graves: então não seria uma arte verdadeira, uma filha legitima da influencia do christianismo, isto é, baseada na sã philosophia. Temos o vestuario preto que dá um aspecto de santidade á belleza, e que revela com muita expressão o luto da alma, o remorso que nos cabe, como partes da humanidade, pelo sacrificio indizível do nosso Redemptor. Não será por trajardes á moda nesses dias, que errareis ou peccareis; mas sim se fizerdes do templo um salão de baile,

onde, por vossas contemplações e indulgencias, vos constituirdes as imagens das adorações que se vos render. Ahi não penseis senão em Deus, nelle, tão bom, tão indulgente, tão justo, e que entretanto só recebe muitas vezes orações cheias de interesses mundanos, e essas mesmas quasi sempre curtas e distrahidas. Tendes tanto tempo para o resto, que, se vos for mesmo um sacrificio pensar só em Deus no templo, deveis fa-

zel-o, porque elle vos merece tudo. Quando então sahirdes, depois de assim terdes praticado, vereis como passareis satisfeitas pela rua do Ouvidor á um braço querido; quanta ventura gozareis; quantos presentes bonitos vos cahirão das prateleiras enfeitadas do José Thomaz, Francioni e Deroche.

Eu vos desejo muito boas festas de todo o meu coração, minhas leitoras. *Ritinha.*

DESCRIPÇÃO DA ESTAMPA.

TOILETTE DE BAILE. — Peiteado á *Eugénie* coroado por uma simples grinalda de margaridas cõr de rosa sem folhagem.

Vestido de nobreza branca, coberto de duas saias de filó-illusão.

Cada uma destas duas saias fórma em apañhado tres ordens de saneças desucontradas e presas por pequenos ramos em distancias iguaes de florés com folhagem.

Corpo liso, decotado, de bico atraz e adiante, enfeitado com tres ramos iguaes de flores com folhagem.

Cabeção-berthe coberto de filó-illusão apañhado em fofinhos.

Mangas justas, muito curtas, enfeitadas com

as flores separadas de um ramo em cada manga.

Sapatos de setim branco.

TOILETTE DE PASSEIO PARA O INVERNO. — Peiteado de bandós de cabellos ondedados. Chapéo de veludo *epingle* cõr de rosa, ornado de bloude e flores.

Vestido de tafetá enfeitado de *Marthe Sibeline*.

Corpo de basquine, alogado, guarnecido todo de *Marthe Sibeline*.

Mangas-pagode enriquecidas de duas ordens de renda ponto de Inglaterra formando as sub-mangas.

Collarinho de bico, renda de ponto de Inglaterra.

Botinas pretas, de sola dobrada.

EMMA.

CHRONICA ALLEMÁ.

Era no anno passado, no fim de Novembro fina e gelada neve cahia e vinha bater com força nos vidros de uma pequena estalagem situada entre Hornberg e Rottweil, nas fronteiras do ducado de Baden e Baviera.

Dous viajantes, á quem o máo tempo havia demorado nesta hospedaria, esqueciaõ a *ladiga* e o frio em presença de um bom pedaço de carne assada que apreciavão ao som de frequentes copos de vinho.

O estalajadeiro e sua mulher não tinham por criada senão uma rapariga de Baden, educada por elles, e Emma fazia com sua ama todo o trabalho da casa: cosinheira, criada e moço de cavallariça, ella accumulava todos os empregos que ordinariamente exigem muitos domesticos.

Erão dez horas da noite; os viajantes, terminando a sua cêa, reunirão-se ao grupo que formavão em torno do fogão o velho estalajadeiro Hoffkirch e alguns visinhos. A conversação tinha por objecto os sanguinolentos episodios de queinha sido theatro a proxima floresta, e cada um contava a sua historia.

O velho Hoffkirch não era menos expressivo, nem o ultimo em atemorisar seus ouvintes com a narração de suas aventuras mais ou menos tragicas, que elle tinha sempre em reserva para divertir os hospedes, e fazer-lhes assim esquecer o tempo e as garrafas, que se despejavão por distração enquanto o escutavão. Elle tinha contado uma historia de ladrões, historia espantosa, o primor do seu genero. A scena passara-se a dous tiros de espingarda de sua estalagem, segundo a tradição, porque elle não era desse tempo; porém uma força antiga, ainda levantada no theatro do crime, dava á sua narração um cunho de verdade lugubre, de que ninguem poderia duvidar. Com effeito esse logar era temido no paiz como coito de bandidos, que ahi fazião todas as noites suas mysteriosas reuniões.

Os hospedes estavam ainda possuidos do terror que lhes havia causado esta narração, quando um dos viajantes disse que daria dous ducados á pessoa que se atrevesse a ir áquella mesma hora ao logar fatal, e fazer uma cruz na força.

Só a idéa de tão estranha proposição aug-



584



LE MONITEUR DE LA MODE

*Imprimé chez M. Goussier rue Richelieu, 92. Chez M. Camille Duchesneau rue St. Marc, 11. au
N° 11. chez M. Goussier rue Richelieu 92. Chez M. Camille Duchesneau rue St. Marc, 11. au
N° 11. chez M. Goussier rue Richelieu 92. Chez M. Camille Duchesneau rue St. Marc, 11. au*

Paris, Rue Richelieu, 92.

LONDON at the Boutique Office, 11, Broad Street, Soho: NEW-YORK E.B. Strong & Co.

mentou o terror que já se havia apoderado do espirito dos ouvintes.

Um longo silencio foi a resposta a tal desafio.

De repente, a joven Emma, que estava a um canto, levantou-se como inspirada, e aceitou a offerta pedindo licença a seus amos.

Estes ao principio recusarão dar-lh'a, ponderando a solidão do logar, e sobretudo a ausencia de soccorro em caso de perigo: tudo foi balbado, porque ella persistiu em sua-resolução, e seus amos, posto que com pezar, consentiram em deixal-a partir.

Emma maniu-se de um carvão para fazer o signal que devia apparecer no outro dia, e partiu apressadamente, depois de haver pèdido que lhe deixassem aberta a porta da estalagem.

Chegando quasi junto da forca, ella pára subitamente julgando ter ouvido rumor; todavia, depois de um momento de hesitação, adianta-se alguns passos, bem decidida a fugir ao menor perigo que a ameaçasse; sente novamente rumor e escuta; ouve um movimento de pés de um cavallo; porém o seu terror a não deixa distinguir se elle vêm para seu lado; entretanto recobra um pouco de animo, e em momento de socego lhe permite perceber o objecto de seu tenor preso á mesma forca. Toma coragem, corre, e traça a cruz. No mesmo instante um tiro de pistola lhe indica que alguém a espreitava. Por um movimento mais prompto que a reflexão, Emma desprende o cavallo, salta sobre elle, e foge a toda a brida; perseguem-na; mas, redobrando a presteza, chega enfim ao pateo da estalagem; apenas tem tempo de gritar que fechem a porta, e desmaia. Voltando a si, conta a sua aventura: louvã-o-lhe todos a coragem e presença de espirito, posto que ninguem soubesse que ajuniz do caso.

O cavallo era de uma rara belleza, trazia uma pequena mala na garupa. Quizerão ver logo o que ella continha; mas o velho Hoffkirch não permittiu que a abrissem seuão em presença do burgomestre.

No outro dia, era um domingo, o estalajadeiro, sua mulher e seus pospedes, forão á aldéa vizinha, onde devião, á sahida da missa, prevenir o-magistrado do acontecimento da vespera. Tinhaõ recommendado a Emma, que ficára guardando a casa, não abrisse a porta antes da sua chegada. Apenas havia passado meia hora, quando batêrão á porta: era um viajante a cavallo, pedindo lhe permittissem descaçar um instante; Emma recusou ao principio; mas, promettendo-lhe o cavalleiro que só se demoraria o tempo preciso para almoçar, decidiu-se a abrir: de mais elle era só e bem vestido.

O estrangeiro quiz levar elle mesmo o seu cavallo para a estribaria, e ahí se demorou muito tempo examinando o outro que na noite antecedente viera ali por tão inesperada maneira. Enquanto almoçou fez algumas perguntas sobre o pessoal da estalagem, perguntou a quem pertencia o cavallo que tinha visto, e por tal arte enleiou a moça, que ella, que mal não cui-

dava, contou-lhe tudo o que acontecêra na noite antecedente, e acabou por confessar-lhe que estava só. Teve todavia um temor vago de haver commettido alguma imprudencia, pois o estrangeiro a escutava com singular attenção, e parecia tomar mais interesse do que o exigia a simples curiosidade. O almoço ia-se prolongando. Emfim, depois de algumas outras perguntas insignificantes, o estrangeiro disse á criada que lhe fosse buscar uma garrafa de vinho. Emma ia buscá-la, mas percebeu que era seguida pelo estrangeiro. Sua presença de espirito não a abandonou neste momento critico: apagou a vela no ultimo degrão da escada e se encostou á parede.

O nosso homem, que nada via, dá alguns passos ás apalpadellas; ella se aproveita deste momento, sobe com presteza, fecha a porta, encosta-lhe diversos moveis, e depois vai-se pôr de emboscada em um quarto alto, observando quando voltarião seus amos. Ella ahí estava havia alguns minutos, quando resouo de novo o martello da estalagem, e percebeu que quem batia erão dous homens de má cara que lhe pedião noticia de um viajante que havia entrado ha pouco tempo.

Segundo os signaes que derão, era o mesmo que estava pr. so na adega, mas ella declarou não ter visto ninguem; e como recusasse abrir a porta, os dous ameaçãrão de escalar a parede. Ella estrêmeceu, e sua coragem quasi que a abandonou, porque elles podião executar este projecto servindo-se das grades de ferro que guarnecião as janellas inferiores.

Nesta perplexidade, Emma olhou em roda de si; seus olhos descobrirão a espingarda de seu amo pendurada no muro, péga nella, e declara que fará fogo sobre o primeiro que tentar subir.

Os dous ladroes, interdictos á vista da espingarda, e admirados de tal intrepidez acompanhada de um argumento sem replica, retirãrão-se proferindo as mais horriveis ameaças, e jurando voltar com força. Apesar de seu medo, a nossa heroína fica firme em seu posto.

Uma hora se passa nesta posição: emfim percebe seu amo que voltava acompanhado do burgomestre e de alguns amigos. A valente Emma corre á porta, tão alegre quanto assustada tinha estado. Interrogão-na, ella conta tudo quanto se havia passado; louvã-o-na por isso, e sobretudo o burgomestre lhe prodigalisa os maiores elogios.

Vão buscar o ladrão que Emma havia prendido com tanta destreza e presença de espirito. Depois de viva resistencia, amarrão-no, e o reconhecem pelo chefe dos ladroes que havia muito tempo espalhão o terror no paiz. Estes, errantes e sem chefe, forão presos ou se dispersãrão.

O burgomestre decidiu que o cavallo e a mala, que continha uma grande quantidade de moedas de ouro, serião entregues á joven Emma, cuja coragem tinha tão poderosamente contribuido a purgar o paiz dos salteadores que o desolavão.

(Trad. do allemão por *Eliza.*)

POESIA.

O SOLDADO E A PATRIA.

ROMANCE.

I.

Soldado, marchas á guerra
Em defeza de uma terra
A quem chamas mãi querida?
Pois é mãi quem deshumana
E apesar da lida insana
Quer teu sangue, a tua yida?

Adeuses dizes á custo,
Tua mãi treme de susto,
Suspira linda donzella!
Ah! Volve a frente, soldado,
Vê seu rosto angustiado,
Repara que é linda e bella!

Mas vertes rebelde pranto,
E te esquivas entretanto
A's vozes da natureza!
Teus amor estulto á terra,
E partes veloz á guerra
Onde existe só crueza!

Da patria o dever, amor
Evita, que só rigor
Vão dar-te da ingratição!
Tua patria é a familia,
Teu amor é tua Lilia,
Teu dever — o coração!

E o soldado erguendo a frente
Vê o seu anjo defronte,
Ouve o toque do clarim:
E elle diz angustiado —
Vou partir, que sou soldado:
Minha Lilia, pensa em mim!

II.

Longo tempo se ha passado
E um soldado mutilado
Na terra veio morrer;
Sua mãi logo o seguiu
Pelos dôres que sentiu,
Pelos dôres de o perder!

A patria, sempre madrastra,
O pesado olvido arrasta

Sobre os feitos do infeliz!
Nem sequer saber procura
Onde jaz a sepultura
Daquelle que tanto a quiz!

Apenas morrendo o dia
Um gemido de agonia
Soltava triste donzella;
E á deshoras se prostrava
Ante uma cruz que beijava
De sepultura singela.

E chorando desditosa,
Com triste voz lacrimosa
Cantava triste sósinha;
Mas o echo repetia
Estes queixumes que ouvia
Do cantar da pobresinha:

— Não vá o soldado á guerra
Em defeza de uma terra
A' quem chama mãi querida!
Pois que a patria é mãi tyranna,
Que apesar da lida insana
Quer seu sangue, a sua vida! —

D. M. O. Quintana Junior.

A FLOR DA SEPULTURA

Não durarão meus amores,
Tudo forão meigos sonhos!

O passado a sorrir flores de amores
Em Céu de encantos alongando a vida!
O presente, uma aurora de lembranças,
Do passado uma idéa revolvida!!

Os dias que já forão não mais voltão,
E' um sonho de venturas que gozou-se,
Perfumes dessas flores que morrerão,
Pensamento de amor que já finou-se!!

O futuro, linda brisa bolicosa
Que meiga vai as flores só beijando;
Da alma a esperança encantadora
Que da vida vai os dias adeijando!!

O passado morreu cheio de amores,
O presente, se vive, é sem ventura,
O futuro, quem sabe? — esperançoso,
Talvez seja a FLOR DA SEPULTURA!...

S. Christovão. 26 de Março de 1854.

Innocencio Rego.

THEORIA DOS OLHOS.

Se ha uma fonte poderosa de inspirações, que fazem elevar-se a imaginação do homem ao mundo bello do sentimentalismo; se ha uma parte das feições que mais influencia tenha para originar affeições; se o espirito e o sentimentalismo tem algum orgão pelo qual exerce influencia sobre o desenvolvimento das paixões e dos affectos, são sem duvida alguma — os olhos — cuja delicada structure parece indicar que lhes é destinada alguma função mais que a simples visão, e que as delicadas membranas, que os formão, não são somente diafnas, do exterior para o interior, aos raios da luz; mas também são permeaveis, do interior para o exterior, á um fluido imponderavel que representa as exhalações da imaginação, e onde se filtrão os embriagadores attractivos do espirito, ou onde se repercutem todos os sons que desferem as delicadas cordas da harpa divina do coração.

O mundo inteiro aprecia uns bellos olhos; mas uns olhos bellos, que prendem e seduzem, são sempre admirados e queridos sem serem estudados. Ainda se não lembrou alguém de estudar a configuração que mais encantos dá a uns olhos, talvez porque a seducção que elles têm arrasta o espirito á meditação abstracta da perfeição, e prende a razão humana no estreito espaço que lhe deixão as paixões, que se exaltão em applausos entusiasticos ao bello da natureza.

Realmente ninguem ainda adivinhou em que consiste o bello segredo de uns olhos; dizem uns que — em serem grandes; outros que — em serem pequenos; outros procurão explicar-lhes a attracção, pela cor azul, ou parda, ou preta, ou pelo branco mais ou menos azulado da conjunctiva; outros enfim limitão-se a classificar-os em diversas categorias de — expressivos — animados — languidos — vivos — indifferentes — e julgão que assim têm resolvido o grande problema, cuja incognita é o conhecimento da theoria dos olhos —.

Tivemos um dia vontade de alistar-nos em alguma destas opiniões. Vimos uns olhos negros encantadores; mas, logo depois, uns olhos pardos foram também para nós dignos de admiração: então concluímos que a cor que elles têm não fazem a essencialidade de seus encantos. Vimos uns olhos grandes que nos allucinarão; mas pouco tardou que não vissemos uns olhos pequenos, travessos, vivos, que cruelmente nos martyrisarão... e então fomos forçado a acreditar — que os olhos não são esse Nume tão poderoso, sómente porque são grandes ou pequenos.

Lembrámo-nos de os observar em relação á cor morena ou clara, rosea ou pallida da tez, e em resultado ficámos na mesma perplexidade; e por muito tempo andámos em procura deste mysterio da natureza, á que o mundo chama — *expressão* —: mas que tivemos irresistivel desejo de elucidar, por nos parecer que, só assim, poderíamos prestar toda a veneração á uns certos olhos que, mesmo ausentes, estão constantemente a dardejar sobre nós mil raios suaves e ardentes, que nos encandescem o espirito e nos

aquecem o coração d'onde se volatilisa em tropel mil desejos, centenas de ambições, e uma infinidade de impressões, tão bellas e tão fortes, como a causa que os produz. E tanto nos abstrahimos em meditar sobre essas fontes de seducção; tanto lhes estudámos a forma e os movimentos, que, procurando depois confrontal-os com todos os outros, nos quaes facilmente percebíamos as differenças da forma e da mobilidade, achámos também a differença da posição.

Bem pouco valérião os olhos, se só servissem para ver, e não tivessem alguma influencia mais no grande quadro da natureza: e tanto servem elles para exercer esta delicada influencia, que temos visto alguns olhos, cuja vista é curta, mas cuja influencia alcança leguas de distancia; sobretudo quando reflectem esse fogo da alma, que se irradia por todo o semblante, e cujo calor lhe rouba a alvura mimosa do jaspe para lhe esconder as rosas das faces, como o tempo ennegrece a pedra monumental para guardar em duração perenne a memoria de uma gloria ou de uma época. Assim é que a cor morena exprime no semblante a época da origem e desenvolvimento do sentimentalismo, que fulgura nos olhos como o emblema assoberbado no cimo do monumento.

Tanto confrontámos pois os olhos que encontramos, que chegámos a descobrir que essa *expressão*, que esse *mysterio*, indecifrável por tanto tempo, que os torna encantadores e reis despoticos dessa turba immensa de sympathias e de affeições, consiste na posição da pupilla em relação á uma linha que se supponha tirada de um á outro angulo das palpebras. Facil é de comprehender-se que os olhos, em sua posição natural, em abstracção, têm a pupilla collocada sobre essa supposta linha, ou acima ou abaixo della: e, se se procurar observar o interesse que elles causão, achar-se-ha, como nós achámos, que aquellos olhos, que têm a pupilla, em sua posição natural, sobre a linha tirada dos angulos, são os que têm mais brilho e mais animação. E' de taes olhos que sentimos um effeito magnetico sobre nosso coração, como se fossem elles dous reverberos mais convenientemente dispostos junto do foco de luz para melhor espargir os raios luminosos que recebem... Olhos taes têm os movimentos mais animados e rapidos, e como que sua mobilidade se torna mais facil pelo justo centro que occupão, d'onde mais naturalmente podem obedecer á contracção dos musculos oculares. São elles também os mais salientes; e se essa saliencia é devida ao desenvolvimento de alguma porção do cerebro que preside á alguma importante função da intelligencia, que tenha relação com o sentimentalismo, e questão cujo estudo agora nos occupa, mas que nos parece existir, e cujo maior ou menor desenvolvimento, tornando o globo ocular mais saliente entre as palpebras, as affasta mais em seu centro, e tem dado lugar á classificaçã dos — olhos animados, vivos, e dos expressivos, nos quaes se reflecte todo o fulgor e belleza do espirito

rito, como o fulgor das estrellas reflecte toda a sublimidade e grandeza do Creador, como a lua, serena e solitaria, reflecte brandos os encandescentes raios do sol sobre a face meiga da virgem que véla, á deshoras, á força da exaltação de pensamento que delira no scismar bellezas do predomínio das paixões do coração, no pensar encantos de uma vida de amor que consagra em mysterioso enlevo.

Os olhos, cuja pupilla é superior á linha mediana, são os que merecerão ser chamados *languidos*; denominação que não parece mal cabida, pois que parecem abstrahir-se da luta das impressões; e como que procurão esconder-se sob a palpebra superior, para occultar seu indifferntismo ás bellezas do sentimentalismo, para se entreterem na reflexão calma e fria dos sentimentos moraes, ou na comprehensão dos principios religiosos.

Os olhos, á que se chamão *indifferentes*, têm

a pupilla collocada abaixo da linha tirada dos angulos; e indicão sempre a observação indifferente de factos materiaes, como se exprimão a incapacidade do espirito e a inação da imaginação para a comprehensão, ou mesmo para a meditação das relações moraes da alma e das impressões do coração.

Não duvidamos que — a cõr e grandeza — deste delicado orgão possão influir para tornal-os mais dignos de admiração e mais poderosos e interessantes no desenvolvimento das sympathias, das affeições, e de todas as paixões, mas tendo para nós, como facto provado, que a posição dos olhos é a causa natural e involuntaria da influencia que exercem.

Recommendamos a nossa observação á perspicacia de quem tiver a ventura de ser escravidado pela força dos encantos de alguns lindos olhos.

S.

CORREIO DOS SALÕES.

O Rio de Janeiro já não se póde queixar de não ter um lugar de *rendez-vous*. Devemos essa criação deliciosa ao gaz, que, reflectindo seus raios cheios de luz sobre os objectos extremamente luxuosos da rua do Ouvidor, fez della, principalmente nas luddas noites de luar de agora, um *passoie* illuminado esplendidamente, por onde transitão como n'um salão de baile as mais aristocraticas e graciosas bellezas de nossa terra, ariastando pelo lagedo as sedas e as caças de seus vestuários de *tom*. Aiuda não lembrou-se o *Beaumely* de uma idéa, que, se eu fosse elle, poria em pratica: é marcar uma quantia que deve pagar quem quizer gozar de um logar na porta do seu aformoseado *magasin*.

Realmente: tenho notado por experiencia propria como se passão as noites depressa para as sentinellas ou guardas daquella entrada. E' d'ahi um dos melhores pontos da rua do Ouvidor, onde tudo vem ter, feio e bonito, como que chamados por um iman (a trança monstro) d'onde tenho visto muita moça ao braço do papai ou de algum chegadinho; muito chapéo de gosto occultando lindas madeixas negras e louras; muito *toilette* perfumado que faz vontade de acompauhar para se ir ouvindo a doce soada, o magnetico *rugir* de um vestido que aperta um collõ e uma cintura delicada, como uma nuvem cõr de rosa ou branca envolve ás vezes o corpo da lua pallida e voluptuosa, como os desejos de um gozo, como a febre de um amor ardente e impetuoso.

Inda me lembro de um corpinho de sylphide que passou por mim ligeiro uma destas ultimas noites, quando eu estava recostado na porta do *Beaumely*; distrahido a pensar no anjo de meus pensamentos tristes. Despertei, sobresaltado, como se a columna de ar, que cortava aquelle corpinho moreno, me viesse esbarrar de encontro ao coração avisando-me da aproximação de uma fada; mas já nem pude ver-lhe os olhos

negros e buliçosos, o sorriso desdenhoso daquella boca engraçada, e o collo que com seu envolucro de argilla amorenada envolve um coração que gosta de dizer que — nunca amou nem ha de amar. Assim foi bom, porque não perdi o somno nesta noite; mas não deixei de pensar muito tempo no vestido branco que trajava (se não me enganou) e no andar travesso dessa moreninha — a rainha do *Campestre*, ou uma das suas princézas, para não offender ás *clarinhas*.

Julgo que hoje não saio da rua do Ouvidor, e tudo me obriga a ahi ficar; porque, fallar da Semana Santa, é de alguma sorte fallar do José Thomaz, Derophe, Francioni, e do Perretier, que metamorphoseou a sua loja de perfumarias em uma confeitaria sem doces.

E' necessario ver para se fazer uma idéa, da belleza, luxo e riqueza dos presentes expostos nessas casas, e em todas as outras da rua do Ouvidor. Eu, desde Domingo de Ramos, que quebrei as minhas relações, não me dou mais com moça alguma: e isso (confesso a minha fraqueza) para não levar nenhuma a visitar as igrejas na Quinta Feira Santa; porque a volta pela rua do Ouvidor é fatal ás algeibeiras. Eu então, que dou-me com tantas (por desgraça minha nesses dias, mas por minha felicidade em todos os outros) onde hei de ir buscar *argentum* para satisfazer ao capricho de alguma mocinha que por modestia se agradar de alguma caixa de amendoas do modico preço de 150\$000 rs., como as tem o José Thomaz, quasi que de proposito para depenuar, o proximo presenteador?! Nada; quem quizer que passeie com moças na Semana Santa; eu não; vou até fugir dellas, mesmo porque é peccado. — Os magicos olhos das Fluminenses fazem a gente esquecer-se de Deus, e não poder pensar na contricção dos muitos peccados que por ellas mesmas tem committido.

Se faço isso, não é lá tanto pelos presentes que

teria de dar. Qual! Mais vale um gosto que quatro vinténs; mas é porque sou religioso; não quero pecar; — o que é infalível sempre que vejo e estou com as muitas moças bonitas que eu conheço.

E' verdade! Já me ia esquecendo de que este *Correio* vai chegar em domingo de Pascoa á vossa casa, para vos dar as boas festas, e que, sem vos pedir as amendoas, para que não o chaméis de *pedinção*, leva em carta, perfumada no

mais fino ambar da casa do Desmarais, um cento de abraços para ir repartindo com todas aquellas moças, que se confessarão contrictas, e fizeram tenção de ler o *Correio dos Sabões*. Parece que não é grande cousa este presente, minhas leitoras, á vista dos meus hons desejos; mas o que heide fazer — quem dá o que tem não é mais obrigado — não del nem recebi amendoas, offereço ao menos um *abracinho de carta* ás moças que gostarem de mim. C.

BOLETIM DOS THEATROS.

Sinto, como um verdadeiro christão, minhas leitoras, que não houvesse *boletim theatral* á semana passada. Sinto, realmente, como sente o alfaiate esmerado, quando fica com a casaca na prateleira, depois de gastar tempo e paciencia — porque a infernal caseadeira fez com suas demoras o freguez perder as estribeiras e ir ao baile com a fatiota do uso.

Mil desculpas, leitoras, mil desculpas para mim. Ah! se soubesses como tenho trabalhado... Levei dia e noite a funcção no meu officio desde sabbado atrazado até quinta-feira, e quando dei com o basta e principiei a rabiscar papel, já lá se tinha ido o *mezzo giorno* ou *demi-jour*.... rabisca d'qui, rabisca d'açolá, e vai senão quando dá meia noite, e..... fiquei peor do que antes. O sabbado estava na porta da rua, e a conclusão de tudo isto foi deixar-vos eu em branco o numero passado.

Mas enfim, desde que tanta *catilinaria*, — Substantivo feminino, (fig.) accusação energica — pôde levar-vos á uma segunda logração de *Boletim*, convém fazer-se ponto final ás dissertações preambolicas, e passarmos á materia da ordem do dia.

Dizem as linguinhas de prata que Paccini cobriu-se de luto, na sua morada, ao ver o suicidio da sua querida filha no sabbado, 1º do corrente.

- « Fôrão-lhe algozes
- « Os seus extremos,
- « Mortaes, amemos,
- « Mas não assim. »

Disse Bocage, fallando de Leandro e Hero, suicidados pelo amor; e eu direi, alludindo á desditosa *Merope*;

Fôrão-te algozes
Tati e Zecchini,
Morre Paccini,
Mas não assim.

E já que estamos com a mão na massa, digamos alguma cousa sobre a companhia do theatro *Lyrico-aristocrata*.

Segundo nos noticiao os jornaes, chegou no vapor inglez o Sr. Dominico Laboceta, com parte da companhia de canto tão anciosamente

esperada. Pelo que vemos, grande vai ser a reforma no theatro *lyrico-aristocrata*; mas como a boa justiça deve principiar por casa, convinha que *alguem* se fosse pondo, quanto antes, no olho da rua, e lembrariamos, á quem de direito competir, que tratasse de escripturar a Sra. Caudiani, que tão bellas noites vos tem dado.

As susceptibilidades e falsos prejuizos de *uns e outros* devem ficar de parte quando se trata de servir bem ao publico, que é quem, sempre incauto, paga as custas no fim da festa.

A' quantos têm vindo, a Sra. Caudiani tem disputado a mellifluidade de uma voz pura e sonora, primando sempre; seus gorgeios divinos, sua mimica de artista, essa inalteravel sympathia dos que a têm ouvido, esses freneticos applausos e conscienciosas ovações, são documentos que de mais authenticos o merito dessa cantora, que primeiro nos fallou ao coração pelas harmonias de Bellini, e que hoje vive lançada nesse olvido que ameaça ferir tambem a Sra. Jacobson.

O contracto pois da Sra. Augusta Caudiani não só levará muitas vantagens á empreza do theatro *lyrico*, mas tambem aos seus dilettanti numerosos.

Fôrão-se com o tempo as manias do tempo: nem mais uma mesa se faz rodar, nem mais se faz girar um chapéo! Tudo passa....! Mas, como não ha bacalhão com cabeça, tambem não ha uma epoca sem maniacos, e para isso temos hoje os apologistas do gazometro.

Falla-se em gaz nas salas, varandas, cozinhas, quintaes, e até em despensas; vê-se gaz em todas as ruas, e quasi que em todas as cabeças, menos no Aterrado, a fim de não desmentirem o proverbio: *casa de ferreiro, espeto de pio*.

Domingo 9, trabalhou pela ultima vez o theatro de S. Pedro com os *Sete Infantes de Lara*: grande foi a concorrência, e a execução do bello drama correspondeu á espectativa dos amadores. A companhia trabalhou bem, sobresahindo, como sempre, o Sr. João Caetano na parte de Gonçalo, e a Sra. D. Loduvina, na de Vallombra.

Fecharão-se porém suas portas aos espectadores, para que se podessem abrir ao-gaz, que o minou por todos os angulos, para abrir-se o theatro, illuminado a gaz, no domingo de Pascoa, e dar-nos o mais brilhante salão de um baile mascarado, que deve, pelo menos eu o espero,

ser lindissimo e muito concorrido, principalmente se as noites continuarem tão lindas, como

esta que neste momento aprecia ao escrever-vos estas linhas
O *Tympano*.

Espirito d'uma resposta a um rei da Persia.

Cosroes, rei da Persia, tinha aquella excessiva bondade que mais se pode admirar em um particular do que em um monarcha, o qual antes de tudo tem obrigação de fazer sempre justiça.

Um dia que este principe dava uma festa aos grandes do seu reino, um dos officiaes, a quem elle havia tirado certo emprego, chegou-se a um bufete e furtou um prato de ouro. Esta acção foi feita com tanta delicadeza, que só *Cosroes* por acaso percebeu o furto. O que tinha a seu cargo a guarda da haixelle, procurou o prato perdido, e não o podendo achar, foi obrigado a queixar-se.

— Não vos inquieteis, lhe disse o rei, quem furtou o prato, não o entregará; e eu que o vi furtar, em consciencia não posso descobrir o ladrão.

Poucos dias de pois, o official se apresentou na corte com uma casaca nova. O rei tendo-o reconhecido, aproximou-se d'elle, e disse-lhe ao ouvido:

— E' o meu prato quem vos deu tão elegante vestido?

— Sim, senhor, respondeu o official; porém vede (e mostrou-lhe os calções velhos que trazia) o vosso prato não faz as cousas completamente.

O rei agradado desta *sahida* repentina, mandou dar-lhe uma ajuda de custo.

Um sonho mal interpretado.

Certo homem ambicioso sonhou que empunhava na mão dous baculos. Como se fiava no seu juizo, assentou que o Céo lhe promettia e prognosticava dous bispados; e pôz-se em jornada para a corte a entabolar nella a sua pretensão. No caminho deu uma grande queda, de que ficou aleijado e obrigado a andar toda a sua vida com duas moletas: *erão os dous baculos com que tinha sonhado.*

Anecdota.

Um rustico achando-se doente, mandou chamar cirurgião, o qual lhe receitou uma purga; logo que chegou da bótica, pegou a mulher do enfermo na garrafa, e lh'a começou a despejar sobre as faces, findo o que lh'as cobriu com um panno, e ficou muito satisfeita. Quando o cirurgião voltou, sabendo o modo porque havia sido applicado o remedio, perguntou enfadado á mulher — porque tinha feito semelhante loucura? — « Ai! senhor, respondeu ella; sempre ouvi dizer que o mal e o bem ás faces vem. »

Maximas.

Um tolo nunca está tão contente de si como quando diz ou faz uma tolice.

Quando te pedirem um conselho, deves pensar muito, antes de o dar; mas, quando te pedirem um serviço, deves ser sempre prompto em o fazer.

CHARADA.

N'uma serie de irmãos escolhe aquelle
Que logo após um *oit* o par formar,
E então teréis achado a que precisa
Para a minha primeira se encontrar. 1

Terás com tanta fé ella plantada
Nesse teu coração já tão descrente,
Que sem ella existir, pobre vivente,
Que seria nesta vida amargurada? 2

Illudirão-te os sonhos amorosos!
Perdeste tua fé! gloria, ambições,
Forão tudo mentiras, illusões,
Prazeres que fruístes enganosos!...

E agora não crês! Sonhos floridos
Morrerão para sempre; a tua vida
Vai assim, sem fé, desfallecida;
Que os amores da vida são mentidos!...



Innocencio Rego.

Acompanha este n.º 46 uma estampa com figurinos de baile e de passeio.